

# Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL  
31 DE JULHO DE 2022







# Sumário

## Editorial

3 *Claudia Zortea*

## Poema

5 **Quimera**  
*Lucas Codina de Souza*

## Amazônia Legal (poema)

6 **ESPERA**  
*Juçara Naccioli*

## Carta ao escritor

8 **Carta ao escritor Aclyse Mattos**  
*Ana Allycia*

## Conto

10 **História de um Pedreiro**  
*Pedro Henrique Pinheiro Soares*

## Literamato (resenha)

12 **Virgínia – Stéfanie Sande**  
*Tayza Codina*

## Crônica

14 **VIOLETA PARRA: ARTISTA IMENSA**  
*Raquel Naveira*

## Ensaio

16 **Eduardo Martins: Seu percurso e seus "Signos Secos"**  
*José Flávio da Paz*

## Artigo

18 **Aproximações entre Teatro e Filosofia no Contexto Interdisciplinar**  
*Suzely Ferreira da Silva e Ednei de Genaro*

# Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

**Direção geral:** Walnice Vilalva

**Equipe editorial:** Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

**Artista Visual Convidado:** Babu78

**Colaboradores:** Lucas Codina de Souza, Juçara Naccioli, Ana Allycia, Pedro Henrique Pinheiro Soares, Tayza Codina, Raquel Naveira, José Flávio da Paz, Suzely Ferreira da Silva e Ednei de Genaro.

**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

## CONTATO

**email:** [nodoanobrim.mt@gmail.com](mailto:nodoanobrim.mt@gmail.com)

## Publicação das edições de 2022

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



**UNEMAT**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000

# Editorial

A 78ª Edição do **Suplemento Literário Nódoa no Brim** é ilustrada pelo artista plástico Babu78. Nascido em Cuiabá, em 1978, Babu (Adão Silva Segundo) reside e trabalha na capital de Mato Grosso, onde é grafiteiro, desenhista, artista visual e arte-educador em oficinas de grafite. Além dos grafites em murais de rua, também elabora pinturas, desenhos e ilustrações em seu estúdio. Já realizou exposições artísticas e participou de coletivas em várias cidades dentro e fora do estado. No texto *BABU78 - Exposição PROFUNDIDADE*<sup>1</sup>, divulgado no site do Prêmio PIPA, Amanda Gama e Willian Gama afirmam que "O grafite produzido pelo artista situa, questiona e abre diálogo com a comunidade por meio de sua obra cujo fundo é muito distante da superfície. O tema, nem sempre explícito, requer do espectador atenção não só para a figuração posta, mas para o assunto que pede socorro".

A seção **Amazônia Legal** traz para vocês, leitores, o poema *Espera*, da escritora Juçara Naccioli, publicado em seu primeiro livro **Chão Batido**, obra potente, cheia de ancestralidade. Não é um livro para se ler com pressa, há que

se degustar com calma, apreciar as imagens, as viagens, os sons, cores, cheiros e a linguagem que a leitura propicia. O livro "banha, benze e cura", como afirma Silvine Ramos.

*Quimera*, poema de Lucas Codina, transporta o leitor, pelo título, para um universo mítico, mas que ganha outros sentidos no percorrer dos versos, que exalam a interioridade do ser. Lucas Codina, como ele mesmo afirma, é iniciante nas publicações, mas experiente na escrita: "Escrevo poemas desde criança, mas raramente compartilhava com os outros". A equipe do **Nódoa** fica imensamente feliz em receber seu poema, Lucas, e deseja que sua conversa com o mundo por meio da literatura seja duradoura.

As linhas da **Carta ao escritor** são direcionadas para o querido poeta mato-grossense Aclyse de Mattos e assinadas por Ana Allycia, aluna da Escola Estadual Ana Maria das Graças de Souza Noronha, de Cáceres. O livro lido por Ana Allycia chegou à escola por meio do Projeto Literamato II, que possibilitou, até o momento, a impressão e distribuição de mais de 10 mil livros para instituições de ensino públicas do estado. É uma satisfação perceber que a literatura está de fato ganhando espaço entre os jovens leitores. O **Nódoa** estará sempre aberto às contribuições de novos leitores e escritores, porque estes projetos de fomento visam incentivar também novos escritores.

O conto *História de um pedreiro* é do escritor **Pedro Henrique Pinheiro Soares**, e foi publicado inicialmente no livro **1º Prêmio**

[1] Texto disponível no link Babu78 - Prêmio PIPA (<https://www.premiopipa.com/artistas/babu78/>)





**Rodivaldo Ribeiro de Literatura: Antologia de Contos e Poemas.** Só posso dizer deste conto que é surpreendente e vale a pena ler mais de uma vez. Vou dizer mais: além do enredo espetacular, o espaço desenhado pelo narrador é de uma universalidade incrível. Um homem com sua bicicleta, entre o trabalho e a casa: em quais partes do mundo é possível imaginar isso?

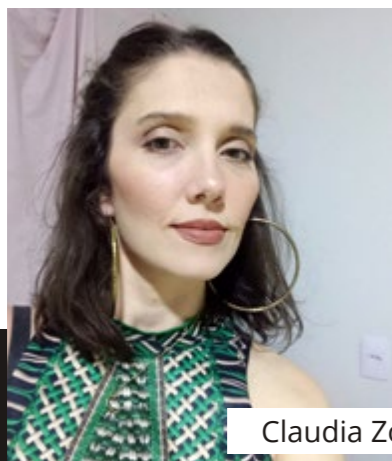
A resenha da seção **Literamato**, escrita pelas mãos de Tayza Codina, pesquisadora experiente de literatura, instiga o leitor a conhecer o livro **Virgínia**, de Stefanie Sande. Segundo Tayza Codina: "É um romance do diálogo, da necessidade de entender-se, mas também, de compreender os silêncios que se instauram do "novo normal"."

Raquel Naveira, cativa deste suplemento literário, nos enviou a Crônica *Violeta Parra: artista imensa*, considerada por mim, a mais linda que já li de sua autoria, pela suavidade, lirismo, beleza e emoção ao tratar da vida e obra de Violeta Parra.

Em *Eduardo Martins: seu percurso e seus "Signos Secos"*, ensaio deste mês, o pesquisador Flávio Paz apresenta e sugere caminhos de leitura para o livro **Signos Secos**. Para Flávio Paz, Eduardo Martins constrói cenários metafóricos e poéticos nesta obra que trata do pensamento e da linguagem. Cabe ao leitor, este "destinatário concreto", "enquanto co-construtor(a) dessa Obra produzir seus sentidos, significados, saberes e transformá-los em novos conhecimentos, vivências e experimentos".

Por fim, vocês encontrarão nesta edição o Artigo *Aproximações entre teatro e filosofia no contexto interdisciplinar*, de Suzely Ferreira da Silva e Ednei de Genaro. Suzely é acadêmica do curso de filosofia da UNEMAT, Campus Universitário do Médio Araguaia, e desenvolve uma pesquisa linda sobre a relação entre ensino e teatro. O artigo enviado ao **Nódoa** traz um pouco do trabalho desta pesquisadora sensível à arte, à filosofia e à educação.

Boa Leitura!



Claudia Zortea

# Quimera

não escapa ao erro  
tentativa qualquer

Nado bambo rio abaixo  
espalho peixes entre águas  
mato gramas subaquáticas  
sobra do braço  
espuma  
levanta dor  
por onde vê

De seu corpo  
poluição  
meus pés de águia  
podem prever  
voo baixo  
mato pássaros  
sobra do céu  
noite  
sufoca a fala  
de quem lê

Minha boca é sangue  
dente, sangue  
gengiva, sangue  
língua  
sangue  
cuspindo ácido  
sempre a ranger

ferve meu hálito  
mercúrio gelo  
sinta amargar  
a alma amiga  
perder a força  
aquela menina  
chorar a deus  
pra não sofrer

Engasgo espinhas  
Vomito penas  
Assisto fígados  
apodrecer  
Estufo o peito  
Exibo as garras  
Devoro o mundo  
a me comer



Lucas Codina de Souza

Formado em Psicologia, atualmente mestrando em Análise Comportamental da Cognição. Escrevo poemas desde criança, mas raramente compartilhava com os outros. Tentando com certo esforço me movimentar em direção ao mundo.

[lucascodina@gmail.com](mailto:lucascodina@gmail.com)





AMAZÔNIA LEGAL

## ESPERA

vóis veio visitá nega?  
quê que vóis há de querê?  
reza?  
proseá?  
pedi cunsêio?  
benzê?  
si for benzê  
já passô da hora  
o sór já subiu  
tem que sê no amanhicê  
ou intardicê  
que foi meu fíi?  
quê que vóis veio querê?  
num consegue dizê?  
tome um poco dessa móca  
nega ispera vóis suncê

Juçara Naccioli, em **Chão Batido**. São Paulo-SP: Cálida, 2021. p. 26.



### Juçara Naccioli

Juçara Naccioli é mestranda em Estudos Literários, graduada em Letras - Língua Portuguesa/ Literatura e especialista em Teoria e Prática da Língua Portuguesa todos pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atua como professora, atriz, poeta e contista. É membro co-fundadora do Coletivo Literário Maria Taquara; membro do Coletivo Audiovisual Negro Quariterê; membro do Coletivo Parágrafo Cerrado. "Chão batido" foi seu primeiro livro publicado.

[@junaccioli](https://www.instagram.com/junaccioli)





## Carta para o escritor **Aclyse Mattos**



### Ana Allycia

Sou Ana Allycia da Silva Oliveira, tenho 11 anos, estou cursando o 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Prof.ª Ana Maria das Graças de Souza Noronha em Cáceres-MT. Gosto muito de brincar com meus irmãos, de fazer as minhas atividades da escola, em especial gosto de matemática, artes, língua portuguesa e de ler. Gosto de coisas criativas, diferentes e de viver novas aventuras com muita diversão. Tenho muita coisa para viver.

Cáceres, 25 de junho de 2022.

Olá, Aclyse Mattos, tudo bem? Espero que sim.

Meu nome é Ana Allycia, estou no 6º ano na Escola Estadual Ana Maria, em Cáceres/MT. Estou lhe escrevendo porque gostei muito dos seus poemas. O que eu mais gostei foi do pau-fincado e pau-rodado. Entendi muitas coisas. Por exemplo, pau-fincado é aquele que mora em outra cidade ou estado e vem para o Mato Grosso e fica, ele chega. Já pau-rodado é aquele que não fica, ele chega de outro lugar, fica por um tempo e depois vai embora.

Foi muito bom ler os poemas do seu livro. Um dia, eu quero ser pau-rodado, porque assim vou conhecer vários lugares incríveis, fico imaginando como será bem legal ficar um pouquinho em cada cidade.

Ah! Já ia me esquecendo de falar: quando vier em Cáceres, venha aqui na Escola. Gostaria de conhecer o senhor, para poder ouvir tudo o que você escreve. Seria muito bom.

Fica com Deus, um abraço.

Ana Allycia



# História de um Pedreiro

Debaixo de um sol que retorcia o horizonte, estrada de paralelepípedo na cidade de Viana, no interior maranhense, passava em sua bicicleta um homem negro retinto, de alta estatura, bigode bem penteado e de chapéu Panamá branco. Essa figura era Ataíde, que tomava o rumo de sua casa ao meio-dia como de costume, após o período matutino de funcionamento de sua pequena quitanda na feira da cidade.

Ataíde fechava a venda todos os dias pontualmente ao meio-dia, despedia-se com discretos acenos aos seus colegas que insistiam em mais alguns minutos no mercado, já vazio. Pegava sua bicicleta Monark, que possuía um facão embainhado amarrado em seu quadro, seguia pelos casarões históricos de Viana até sua casa, nas margens do lago que banha a cidade, na rua da praia, número 73.

Sua casa possuía as técnicas construtivas do tempo do rei, uma casa pequena, lado a lado com outras de mesmas características coloniais.

Com ele morava Luzia, uma mulher negra, também retinta, de feição agradável, cabelo sempre bem cuidado, fosse

com trança, turbante ou simplesmente levantado como uma coroa, que combinava perfeitamente com seu sorriso alvo. Luzia era alguns anos mais jovem que seu marido de 35.

A simplicidade de suas vidas era resumida ao marido, que saía às quatro da manhã para o trabalho, e assim, garantir o melhor peixe no cais e revendê-lo em sua quitanda. A esposa levantava no mesmo horário para passar o café preto que ambos tomavam, ela alimentava as galinhas e os porcos que criava no quintal. Ao fim dessas tarefas, todos os dias, Luzia recebia a visita de Jandira e Domingos, que eram casados e seus amigos de infância.

Após almoçarem juntos, Ataíde e Luzia passavam as horas em afazeres domésticos, lendo jornal ou fazendo bordado, este último, a grande paixão de Ataíde. Mas em certo dia atípico, quando Ataíde esperava na fila da barbearia do Jhone, aonde ia mensalmente, um comentário do lado de fora feito por Evandro, que não sustentava o equilíbrio devido às muitas doses de pinga, mudou a pacata vida de Ataíde.

-Bêbado, porém não corno como bem sabem todos a respeito do senhor Ataíde

- disse Evandro.

Instantaneamente, em um lapso de fúria, Ataíde tomou o facão do quadro de sua bicicleta e a um fio do pescoço do bêbado, exigiu satisfação de suas palavras

- Tens um minuto para explicar tal calúnia ou experimentarás o gosto do meu facão - exclamou Ataíde em cólera.

- Ha uma história desmerecida sobre Domingos e a senhora Luzia, mas sou crente por todos os santos de que não passam de boatos infames, meu senhor! - respondeu o bêbado pálido e lavado em suor frio.

Largando o bêbado, que caiu aliviado, Ataíde disparou-se para casa em agonia, com tantas novelas lhe passando pela mente, fazia inveja ao próprio Aluísio de Azevedo. Não fossem as paranoias que teve no percurso até sua casa, ao virar a esquina, deparou-se com o senhor Domingos, que lhe fez uma saudação.

Ataíde chegou em casa, pálido e com a surpresa de Luzia, que questionou o porquê de sua antecipação. Não tendo resposta, virou-se ao marido e disse:

- De onde tiraste tanta palidez, homem? Farei um farei gole de garrafada e um bom chá de casca de laranja com mel, que assim recobre a cor e a língua também.

Mas não havia medicamento que curasse o mal desse homem, pois era abstrato.

- Domingos esteve em minha casa sem a presença de sua esposa? Se confirmada a suspeita, como suportar tal escândalo? - matutava Ataíde.

No dia seguinte, a caminho do trabalho, um plano lhe ocorreu.

- Hoje, chegarei mais cedo, em quinze anos desta quitanda sempre fui fiel ao tempo de fechá-la, desta vez, trairei este

tempo a fim de tirar prova se estou sendo traído - murmurou Ataíde.

Mal atendeu os clientes, acostumados com sua simpatia, e às dez horas fechou as portas da sua quitanda, sob os olhares interrogativos e assustados de seus vizinhos de feira.

Foi para casa tão rápido que nem se deu conta, quando já estava na rua de casa, com o coração palpitando forte e a passos lentos, abriu a porta que ficava sempre encostada e escondeu-se na sala que fazia parede com a cozinha. Fatidicamente, o homem escutou o único trecho de uma conversa que não poderia escutar.

- Esteve estranho ontem e hoje. Temo que suspeite de nós. Eu o amo, mas isso que temos aqui vai além da gente - disse Luzia com voz de choro.

Com olhos em brasa e úmidos, Ataíde entrou na cozinha e perdeu os sentidos ao ver sua esposa sentada a mesa e de mãos dadas com Jandira.

Levantou a mão, furioso, mas desistiu, nunca machucaria sua amada. Desolado, abaixou a mão e voltou-se para a rua. Sem escutar os protestos da esposa, tomou sua bicicleta e saiu só com a roupa do corpo sem que ninguém soubesse seu destino.

Jandira separou-se do marido e foi morar com Luzia. As duas tornaram-se responsáveis pela quitanda na feira.

Meses depois, se teve notícia de Ataíde nos rumos de Mato Grosso trabalhando como pedreiro na Colonizadora Sinop S.A., onde dizem auxiliar na construção da cidade, buscando reconstruir-se no processo.

Pedro Henrique Pinheiro Soares, em **1 Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura: Antologia de Contos e Poemas**. Cuiabá-MT: Carlini e Caniato, 2021. p. 67-71.



**Pedro Henrique Pinheiro Soares**

27 anos, bacharel em Engenharia Civil pela UFMT, poeta e contista selecionado no I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura (2021). Atualmente, servidor público na Companhia de Desenvolvimento de Rondonópolis

[pedro.henrique.soares01@hotmail.com](mailto:pedro.henrique.soares01@hotmail.com)





# Virgínia

Stéfanie Sande

“Paramos no corredor de produtos de limpeza e ela me beijou. Foi um daqueles beijos etéreos que flutuam na memória sem concretude ou temporalidade. Não há gosto, pressão ou textura. De certa forma, é como se tivesse acontecido em sonho. (p.38). **Virgínia** (2021), o segundo romance de Stéfanie Sande tem como eixo central a história de amor entre Ariel e Virgínia, o cenário se delinea entre a cidade de

Cuiabá/MT e Chapada dos Guimarães/MT, durante o ano pandêmico de 2021. As duas jovens vivenciam os desencontros de um novo amor, quando o desejo muitas vezes impede a ação do outro. Há junto ao desejo o medo da frustração. A narrativa se floresce em meio ao caos discursivo, existe um entremeado de vozes que favorecem junto a narradora Ariel um olhar simbólico para o mundo que a rodeia.

É um romance do diálogo, da necessidade de entender-se, mas também, de compreender os silêncios que se instauram do “novo normal”. A terapia de Ariel é por videochamada, Marcela, a psicóloga, é também analisada pela narradora, que percebe pela tela suas expressões, a fluidez como bebe água na xícara florida e sua camisa de seda vermelha. Ela traz a narradora à luz, caminha ao seu lado durante as desventuras de uma jovem apaixonada em meio a pandemia. A obra vem lembrar que a vida pulsa e segue seu fluxo, mesmo diante de um terrível evento pandêmico, não há como fugir da pulsão interna, do amor. Sande (2021) apresenta ao leitor um jogo intertextual, e a narrativa psicológica tem em si um aspecto da escrita moderna: uma sinestésica leitura. Não há como o leitor ficar inerte diante da analogia do rosto de Virgínia ao quadro de Paul Delaroche: **Portrait of Henriette Sontag** (1831), ou quando Ariel e Virgínia se beijam ao som de **Acid rain**.

A escritora utiliza do gênero epistolar para estabelecer a *espinha dorsal* do romance, há uma referência às cartas de Vita Sackville-West para Virginia Woolf, as duas escritoras tiveram um romance e as cartas trocadas por elas influenciaram na criação de **Orlando** (1928). Em 2021, não havia um impedimento moral que as mantivessem distanciadas, mas o cenário de crise, que estabelecia protocolos de biossegurança e distanciamento, exigia uma comunicação por mensagens eletrônicas. Nesse interim, há cartas que nunca são enviadas, algumas que se arrependem após o envio e outras que chegam após muito tempo na espera. E sim, como refletiu Fernando Pessoa, “todas as cartas de amor são ridículas”, mas se assim não fossem, não seriam cartas de amor. São as cartas que proporcionam ao leitor romper com o monólogo de

Ariel. Virgínia entra em cena não apenas como um retrato aos olhos da narradora, mas sob a configuração do seu próprio discurso. Sande (2021) coloca o leitor como testemunha do amor de Virgínia por Ariel.

Para um leitor desavisado, **Virgínia** poderia ser apenas mais uma história de amor em tempos de crise, porém, Sande (2021) promove uma reflexão que ultrapassa a temática amorosa. A narradora tem um olhar atento às mudanças do país e seu enfrentamento à pandemia, traz da sua vivência em Cuiabá um ponto forte da narrativa, a capital mato-grossense não é apresentada apenas como cenário, Ariel reflete sobre o poder público e a relação intrínseca entre Cuiabá e Chapada dos Guimarães. Em determinado momento da obra, a narradora aponta a “trincheira” que demarca o mau uso da verba pública no estado: “a avenida de quatro pistas e duas mãos era cortada ao meio por uma trincheira, obra da Copa de 2014 que, quatro anos depois, continuava inacabada”. (p. 38)

**Virgínia** é um romance para ler em um impulso só, é leve, segue uma fluidez que faz com que o leitor se entregue à narrativa junto a Ariel e Virgínia. No entanto, as trocas de correspondências, os diálogos com a terapeuta, os monólogos interiores reverberam naquele que compartilha dessa intimidade; o leitor se reconhece naquele duplo desejo de entregar-se e fugir. Há também as marcas silenciosas da pandemia, que refletem na vivência daqueles que sobreviveram. E, como compartilhado com Ariel, sim, é possível florescer no caos.

#### Referências Bibliográficas

Sande, Stéfanie. **Virgínia**. 1ª edição. São Paulo-SP: Cálida, 2021.



#### Tayza Codina

Docente no Instituto Federal de Mato Grosso/Campus de Primavera do Leste. Doutoranda em Estudos Literários no PPGEL/UNEMAT. Pesquisadora das relações entre literatura e imprensa de autoria feminina.

tayza.souza@pdl.ifmt.edu.br





## VIOLETA PARRA: ARTISTA IMENSA

A violeta é uma flor modesta, humilde, mas de aroma poderoso e doce. As flores roxas, com pétalas de veludo macerado, guardam o mistério da magia e da espiritualidade. Foi na estreita faixa costeira encravada entre a cordilheira dos Andes e o Oceano Pacífico, no meio da neve, que floresceu, anunciando

o verão, Violeta Parra (1917-1967). Nasceu do ventre de sua mãe camponesa, do musgo das pedras, do útero da Pátria chilena.

Artista imensa, Violeta cantou, pintou e bordou. Compôs ao som de charangas e guitarras versos como estes: "Voltar aos dezessete/ Depois de viver um século/ É como decifrar signos/

sem ser sábio competente". Pintou quadros e painéis com cenas do duro cotidiano de sua gente ameríndia. Fez esculturas de arame em forma de anjos e feras. Modelou cerâmicas de vasilhames bojudos. Bordou inúmeras arpilleras, técnica têxtil antiga e popular criada por bordadeiras da Isla Negra. Sobre os sacos de batatas e farinha, com fios e retalhos, iam surgindo personagens, paisagens, lutas de resistência, construções do passado e da memória de seu povo.

A vida de Violeta foi sofrida, pobre, de poucos recursos econômicos. Formou com sua irmã uma dupla "Las Hermanas Parra" e cantavam na noite, em bares e circos. Jovem, conheceu o ferroviário Luís Cereceda com quem se casou e teve dois filhos: Isabel e Angel, que se tornaram compositores e intérpretes como ela. Separada, voltou a se casar com Luís Arce com quem teve mais duas filhas: Luísa Carmen e Rosa Clara, que morreu em tenra idade.

Em meio aos percalços sentimentais e às agruras da sobrevivência, Violeta catalogou cerca de três mil canções folclóricas. Parecia ouvir as vozes da esmagada civilização inca, dos índios mapuches, dos dominadores espanhóis com suas harpas e castanholas. As canções traziam mundos de sangue, pedaços de caravelas, de ossos em urnas, de restos carregados pelos terremotos. Era o torrão natal que cantava através de Violeta, ela toda um instrumento, uma potência, um símbolo da América.

Na Feira de Artes Plásticas de Santiago, conheceu o musicólogo e antropólogo suíço, Gilbert Favré, bem mais jovem do que ela. Foi paixão desenfreada, de renovo e aventura. Logo aquele que depois ela chamaria de "Coração Maldito". Com Favré viajou para a Argentina. Em 62, reuniu-se em Buenos Aires com seus filhos e excursionaram juntos pela Europa e União Soviética. Os "Parra do Chile" deram concertos na rádio e na TV, entre França

e Suíça. Em 64, expôs no Museu do Louvre suas pinturas, arpilleras, óleos e esculturas. Consagração inédita para uma artista latina.

Durante a tumultuada relação com Favré, dilacerada com mais uma separação, escreveu a canção "Run Run se foi para o Norte": "Corra, corra, foi para o Norte/ Não sei quando virá,/ virá para o aniversário da nossa solidão.// Foi para o Norte/ Fiquei no sul/ No meio há um abismo." Estava triste e vulnerável, ela que escrevera um hino de pura energia, a canção "Gracias a la Vida". "Graças à vida/ que me deu dois olhos/ que, quando os abro, distingo o negro do branco/ e o céu estrelado."

Violeta, presa ainda num caule de esperança, resolve voltar à sua terra, à sua família, à comuna de La Reina, na rua Segóvia. Imagina então armar uma tenda, uma casa de paus, à beira da cordilheira, observando o voo das gaivotas. Uma casa que seria uma escola, um Museu de Arte e Folclore, um espaço cultural para todas as artes. Um intento formidável. Turistas e poetas do mundo todo viriam visitar esse lugar mítico, assistir às penhas, aos espetáculos mais coloridos, retumbantes, regados a vinho chileno, assados, trutas e empanadas. Seria um palco de fogo com artistas investigando as origens musicais mais telúricas. Tudo isso Violeta imaginou, mas vieram ventos gelados. Turbilhões levaram as lonas. Águas rolaram num canal de areia marinha pelo meio da tenda. Despencou o sonho, enquanto albatrozes gigantes passavam rasantes pelas encostas das montanhas.

Violeta, os olhos saltando das órbitas num roxo mortíço, pediu para ficar só. Ouviram-se os estampidos. O sangue escorreu sobre sua carta secreta de suicida.

Alguém gritou lá do fundo do vale: " \_ Violeta não está ausente. Seu sonho agora é nosso ninho."



### Raquel Naveira

É formada em Direito e em Letras pela UCDB. Mestre em Comunicação e Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas. Publicou mais de trinta livros. O mais recente é o livro de crônicas poéticas *Leque Aberto*. Escreve para várias revistas e jornais. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo, à Academia de Ciências e Letras de Lisboa e ao PEN Clube do Brasil.

[raquelnaveira@gmail.com](mailto:raquelnaveira@gmail.com)



## EDUARDO MARTINS: Seu percurso e seus “Signos secos”

Sinto a necessidade de informar que **Signos secos** (2021) trata de linguagem, ou melhor, do pensamento e da linguagem, expressões compreendidas a partir da concepção de Immanuel Kant[1] frente as lacunas deixadas quando da construção do conhecimento, visto que somente o solidificamos, segundo este filósofo, por meio das representações do pensamento e experiências diante de objetos desafiadores e, nesse sentido **Signos secos** apresenta inúmeros.

Não bastante, conduzirá a elaboração de ideias, imagens, símbolos e fenômenos intersignos imaginários de maneira

que conseguirá interpretar os cenários metafóricos e poéticos apresentados por Eduardo Martins (1962). Entretanto, caberá somente aos seus leitores, enquanto co-construtor(a) dessa Obra produzir seus sentidos, significados, saberes e transformá-los em novos conhecimentos, vivências e experimentos, uma vez que “como a palavra, como uma frase, como uma carta, assim também a obra literária não é escrita no vazio, nem dirigida à posteridade: é escrita sim para um destinatário concreto.” (KRAUS *apud* NAUMANN, 1973, p 58)[2]

Desse modo, sintam-se à vontade no reconstruto dos *signos* (sons, significados e inter-relações) e das *poéticas* ou *semânticas* (constituente vital da poesia e da sua análise científica), segundo definidos pelo linguista Roman Jakobson[3] e constantemente presentes em **Signos secos**.

Relembrando continuamente que, de

[1] KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001

[2] NAUMANN, Manfred. **Sociedade, literatura, leitura**: recepção da literatura do ponto de vista teórico. Berlin: Aufbau-Verlag, 1973

[3] JAKOBSON, Roman. **Comunicação e sociedade**. In: BLECUA, José Manuel. **Linguística e significado**. Lisboa: Publicações Alfa, 1979.



**José Flávio da Paz**

Pós-doutorando em Psicologia-UFLO/ARG; Pós-doutorando em Direitos Humanos-USAL/ESP; Pós-doutorando em Educação-UniLogos/USA; Doutor em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Mestre em Letras-UNIMAR. Docente e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE e do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

[jfpaz@unir.br](mailto:jfpaz@unir.br)

conformidade com trechos da obra, **Lucinda**, do poeta e prosista alemão, Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel, o verdadeiro escritor não seleciona um grupo de leitor ou outro, ele escreve para a leitura e a interpretação de todos, pois “quem escreve para que possa ser lido por estes e aqueles, não merece ser lido” (SCHLEGEL, 1797, p. 58)[4].

Disso não poderemos nos queixar, pois desde a sua primeira obra **Restos do fim: poeira dos gozos** (publicada em 1981, juntamente com a poeta Cida Pedrosa), **A batalha pelo poema** (publicada em coautoria com Francisco Espinhara e Pedro do Amaral Costa, em 1983); passando por **Eczema no lírico** (sua primeira publicação individual em 1985) e as demais: **(Procissão da palavra** (1986); **O lado aberto** (2014) **A palavra falta** (2016); **Este livro não existe e outras inexistências** (2018) **Retalhos de água** (2018); **Soma dos inumeráveis** (2019); **Teoria das insignificâncias e outras teorias das desimportâncias** (2020) , chegando a **Signos secos**, em 2021, Eduardo Martins tem se apresentado como um poeta ícone que atende aos mais variados perfis de leitores e estudiosos de lírica.

Confesso que me encontro entre esses, pois não consigo me encaixar nos formatos convencionais e conservadores da poesia clássica, embora reconheça a sua importância, inclusive histórica, para que se faça a poesia contemporânea e, nestes estilos, o poeta Eduardo Martins consegue transitar e corresponder os anseios dos leitores, escritores e poetas.

[4] SCHLEGEL, Friedrich. **Lucinda**: um romance. trad. Álvaro Ribeiro. Porto: Guimarães, 1979.

[5] PAGANATTO, Fernando. A Subjetividade na Poesia. In: **Poesia e escrita**. Disponível em: <https://poesiaescrita.blogspot.com/2015/04/a-subjetividade-na-poesia-parte-1.html>. Acesso em 25 ago.2020.

[6] BARROS, Adailton Almeida; SOUZA, Eulisson Nogueira de; PAZ, José Flávio da & ASSUNÇÃO, Maria José Alves de (Orgs.). **Estudos literários: diálogos poéticos**. Joinville: Clube de Autores Publicações, 2018, p. 12-26

Esta é, portanto, a obra de número 12 da sua fortuna crítico-literária e por opção estética, acredito. Poderia afirmar que, o professor, pesquisador, escritor e poeta rondo- pernambucano, dividiu-a em dois grandes eixos e, talvez, isto justifique as minhas expressões introdutórias acerca do pensamento e da linguagem, pois pode-se perceber poemas que versam sobre objetos cotidianos, tornando, conseqüentemente a sua produção objetiva; e, outra que é exclusivamente mais focada para o interior do (seu) eu lírico: individualidade, conscientização e subjetividade, aspectos típicos da poesia.

Nesse sentido,

o poeta apreende o mundo a sua volta (objetivo), que lhe desperta sensações, conclusões, etc. (subjetividade), depois as traduz em palavras (objetivas). A poesia tem, então, por finalidade, transmitir a subjetividade, a individualidade de quem escreve, através das palavras, símbolos objetivos, com significado social, portanto, inteligível ao leitor, que por sua vez, em contato com aquela poesia terá uma resposta subjetiva. (PAGANATTO, 2020) [5]

Esse duplo eixo, não se trata de um antagonismo, mas de uma visão subjetiva, a qual dependerá da sua escolha, independentemente dos olhares e críticas que se estabelecem em torno de determinadas questões, tornando o leitor(a) verdadeiro(a) “outsider”, na essência do termo e tão bem definida pelo professor e pesquisador, Adailton Almeida Barros, no seu artigo, “‘O uivo’ de Allen Ginsberg” (BARROS, SOUZA, PAZ & ASSUNÇÃO, 2018, p. 12-26).[6]

Assim, a viagem literária ao mundo *eduardomartiniano* continua. Caberá a cada leitor(a) traçar e trilhar os seus universos. Eu, em particular, já fiz a minha escolha e, rogo que faça o mesmo, apreciando sem moderação.





## APROXIMAÇÕES ENTRE TEATRO E FILOSOFIA NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR

### Pensar a interdisciplinaridade

Ao colocarmos a filosofia e o teatro (texto e cena) em relação, podem surgir interrogações como as seguintes: “Mas a arte também nos leva ao conhecimento, como a filosofia?”, “Não seria um erro aproximar dois domínios tão distintos?”. Questões que não se referem apenas ao

modo como se opera a relação entre dois domínios, filosofia e arte, mas ao modo como uma área com a outra, em interações transversais, geram novas funções e potencialidades pedagógicas. A importância desta discussão encontra-se na tentativa de pensar uma primeira instância de aproximação para o problema maior que sustenta a investigação aqui proposta: a

relação entre filosofia e teatro no contexto interdisciplinar.

Num primeiro momento, alguém poderia argumentar que o problema consiste basicamente em definir quais disciplinas despertam ou não “um saber”, o que, por sua vez, pressupõe ainda certo preconceito pelo ensino a partir do teatro, que devemos levar em conta, enfrentando-o.

A interdisciplinaridade é um conceito que deve fazer parte de todo âmbito escolar. O primeiro passo para a interdisciplinaridade, segundo Fazenda (1999), é a troca entre escola, professores, alunos, pais e comunidade. Enquanto troca, há encontro e confronto de ideias onde cada qual traz suas experiências. O próximo passo é a ação, cuja natureza é ambígua, tendo como pressuposto a incerteza, interpelando a complexidade dos saberes.

Assim, a atitude interdisciplinar é, para Fazenda (1999, p.82):

uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento

e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidos, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim de vida.

A perspectiva interdisciplinar abre um campo fértil de pesquisa que supera os recortes lineares do ensino tradicional. Na mediação entre teatro e filosofia, isso faz todo sentido: não apenas filósofos e dramaturgos compartilham a mesma etimologia do verbo grego *théorein*, que significa visão concentrada, mas fundamentalmente, estar sempre em cuidado ou atento com a existência, os comportamentos e as interações humanas.

### Olhar e poética, do teatro, da filosofia

Assim, a filosofia e o teatro, desde a origem, na Grécia Antiga, estabelecem um paralelo relevante e fecundo, capaz de compreender estruturas que não podem ser percebidas pelo “olhar desatento”. Por isso, orienta-se a um olhar focalizado, perscrutador, que visa revelar as camadas invisíveis do conhecimento instável e opinativo, para entrar nas áreas mais esclarecedoras, onde o conhecimento pleno será considerado por quem busca a sabedoria.

A perspectiva interdisciplinar aberta fa-



**Suzely Ferreira da Silva**

Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado (UNEMAT). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Direitos Fundamentais e Interdisciplinaridade (Gedifi).

[suzely.silva@unemat.br](mailto:suzely.silva@unemat.br)



**Ednei de Genaro**

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do curso de Filosofia de Vila Rica – MT (UNEMAT).

[ednei.genaro@unemat.br](mailto:ednei.genaro@unemat.br)



vorece, pois, transpor a fase obscura da opinião e entrar na zona clara da verdade filosófica, dimensão essencialmente poética. Courtney (1980) diz que Aristóteles e Horácio foram os autores que deram bases para o pensamento humanista (poético, filosófico) no teatro. O primeiro, na sua **Poética**, afirmava que a imitação é natural ao homem e que o ser humano aprende por meio dela; o segundo, por sua vez, em **Arte Poética**, considerava que o teatro deveria tanto entreter quanto educar. Corroborando com tais compreensões, Courtney (2003) diz que a expressão dramática (o teatro) não é:

[...] apenas o modo de encarar o processo educacional (uma filosofia), ou o modo de ajudar o desenvolvimento individual (uma psicologia) ou assistir o indivíduo em sua adequação ao meio (uma sociologia); é a maneira fundamental na qual o ser humano aprende – e, assim, é o mais efetivo método para todas as formas de educação. (Idem, p. 278).

De tal modo, o teatro, visto como modo de refletir sobre o educar (filosofia), de desenvolvimento psíquico e social (psicologia e sociologia), abre-nos para ser um importante recurso metodológico, de ensino de filosofia, e de outras disciplinas. Prepara o aluno para a sociedade, envolvendo a aprendizagem social, que muda a realidade vivida, no processo de compreendê-la.

## Teatro filosófico

À vista disso, é importante que a escola crie momentos propícios para o “fazer dramático”, onde alunos e professores possam se aprofundar na arte. O “teatro filosófico”, por meio da dramatização de ideias filosóficas, conscientiza os alunos, e os alunos são despertados para a filosofia, de maneira plena, isto é, poética. Um círculo virtuoso, portanto. Igualmente, as apresentações explicitam, no palco, caracterizações his-

tóricas, sociais e culturais. Os dramaturgos – diretor, ator, cenografista, roteirista, etc. – são capazes de transmitir ao público muitas emoções. Operam a capacidade de representação poética. Operam meditação e diálogo. Operam conflitos e dilemas existenciais, sociais e políticos.

Pedagogicamente, a orientação do teatro filosófico é a criação da autonomia; o desenvolvimento da fala e do corpo; o desenvolvimento de habilidades comunicativas; a contextualização e a experiência com os saberes, tornando o ambiente escolar mais educativo. A interdisciplinaridade cria estruturas alternativas de conhecimento. Na transmutação filosofia-teatro, a sala de aula ganha novas expressões, artísticas. Introduz novas gradações pedagógicas, despertando perspectivas diferentes ao aprender. De forma lúdica, os conhecimentos filosóficos e arte teatral intensificam um ao outro, despertando a curiosidade e o interesse dos alunos, pela filosofia, pela arte. A interdisciplinaridade sendo fonte de alegria e despertar ao conhecimento, alcançando assim aquilo que Denis Guénoun (2004) nos dizia sobre o prazer do conhecer.

O prazer é, portanto, proporcionado pelo conhecimento, pela representação como conhecimento. Prazer trazido pela autonomia do conhecer: não pela coisa que se daria a ver, mas precisamente pelo fato de se (re)presentar e de esta representação produzir conhecimento (GUÉNOUN, 2004, p. 27).

O teatro criador de alegria e incitador de conhecimentos. De forma lúdica, o teatro coloca movimento a filosofia.

O teatro passou a oferecer aos filósofos uma excelente oportunidade, aliás, aberta apenas a todos aqueles que desejavam não só explicar como também modificar o mundo. Fazia-se filosofia; ensinava-se, portanto (BRECHT, 1978, p. 48)

A relação entre arte e pensamento filosófico nos permite refletir sobre o próprio

fluxo do pensamento e, seguramente, a constituição de um pensamento mais ético e político.

## Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Ao tratar do ensino de Arte, a BNCC apresenta cinco unidades temáticas onde são abordadas as quatro linguagens da arte: teatro, dança, artes visuais e música. As orientações sugeridas neste documento indicam que as linguagens artísticas devem ser trabalhadas em seus próprios objetos ou em relação entre si, estabelecendo diferentes abordagens com diferentes expressões artísticas.

A BNCC apresenta um guia sistemático para orientar o desenho curricular para as diferentes realidades do Brasil e direcionar a prática docente dos professores. Estabelece objetos de conhecimento que podemos comparar com campos conceituais no estudo da arte, expressos como: situações e processos, elementos da linguagem, objetos físicos, processos criativos, sistemas de linguagem (citados em todas as línguas); notação e gravação de música (excertos principalmente de música); matrizes de beleza e cultura, patrimônio cultural, arte e tecnologia (com particular referência às artes integradas).

A filosofia e o teatro são ferramentas extraordinárias para pensar e desenvolver a autonomia dos alunos, contudo isto não é diferente das outras disciplinas, matemática, biologia, história, artes etc. O que vem a ser especial, para nós, é a práxis artística que podemos ter para com a filosofia, na escola. Sobre isso, Celson Antunes (2013, p. 213-14) nos deixa uma metáfora interessante:

a filosofia deveria estar presente na escola, gradativamente com o mesmo significado que a orquestra tem diante de

seus artistas. Porque cada artista daquela orquestra tem seus pontos e, além disso, sabe as notas para olhar, mas o canto, a conexão, aquele senso de harmonia, deve ser dado a alguém. E esse é o papel da Filosofia [...].

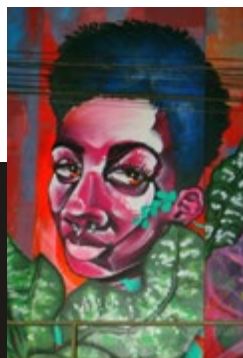
## Considerações finais

Ensinar a filosofia e o teatro, alcançando a interdisciplinaridade, é um desafio instigante. Um convite aos professores de Filosofia e de Artes. Um convite de trabalho conjunto, interdisciplinar, a fim de fazer insurgir conhecimentos filosóficos e habilidades e sensibilidades artísticas. A filosofia, partindo da busca do conhecimento, a arte, partindo da sua expressão. Ambas maximizando a capacidade de ler e interpretar o mundo. É sempre formidável pensar em caminhos que intercruzam, sendo fontes de estímulos educativos aos jovens, nas aulas de Filosofia e Artes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. **Celso Antunes e formação do professor**: é preciso muito mais o que conteúdo. In: MOSÉ, V. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 213-214.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Parte II. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- COURTNEY, R. (1980). **Jogo, Teatro e Pensamento**. São Paulo: Editora Perspectiva.
- FAZENDA, Ivani (1999) **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 7ª. Ed. Campinas: SP. Papirus Editora.
- GUÉNOUN, D. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.





## Artista Visual Convidado:



### Babu78

Nascido em Cuiabá, em 1978, Babu (Adão Silva Segundo) reside e trabalha na capital de Mato Grosso, onde é grafiteiro, desenhista, artista visual e arte-educador em oficinas de grafite. Além dos grafites em murais de rua, também elabora pinturas, desenhos e ilustrações em seu estúdio. Já realizou exposições artísticas e participou de coletivas em várias cidades dentro e fora do estado.

Instagram: [@seteito](#)

Realização

